

A IRMANDADE DA BOA MORTE: MEMÓRIA, INTERVENÇÃO E TURISTIZAÇÃO DA FESTA EM CACHOEIRA (BA)

Armando Alexandre Castro¹

RESUMO

A Bahia, nas últimas décadas, inseriu a atividade turística como uma das prioridades para o seu desenvolvimento econômico-social. Amparada na diversidade de suas belezas naturais, no seu amplo patrimônio histórico-cultural, e numa série de ações de marketing e infraestrutura, ocupa posição privilegiada no âmbito do receptivo nacional e internacional. Neste sentido, o carnaval soteropolitano vem se constituindo como elemento sociocultural relevante em se tratando da evolução das estatísticas da indústria turística no Estado.

Palavras-chave: Irmandade da Boa Morte, patrimônio histórico-cultural e cultura.

ABSTRACT

Bahia, in the last decades, inserted the tourist activity as one of the priorities for its economic-social development. Supported in the diversity of its natural beauties, in its ample description-cultural patrimony, and in a series of action of marketing and infrastructure, it occupies privileged position in the national receptive scope of and the international one. In this direction, Sisterhood of Boa Morte comes if constituting as excellent sociocultural element in if treating to the evolution of the statisticians of the tourist industry in the State.

Keywords: Sisterhood of Boa Morte, historic cultural landmark and culture.

¹ Mestrando em Cultura e Turismo (UESC-UFBA) e Especialista em História Social e Educação (UCSAL).
E-mail: armandoalexandre@uol.com.br



INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é expor e analisar os fatores sócio-culturais responsáveis pela turistização da festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sediada em Cachoeira, Recôncavo Baiano. Este texto apresenta resultados parciais que ajudarão na composição da Dissertação a ser defendida até março de 2006, pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação, *strictu sensu*, em Cultura e Turismo (UESC-UFBA)².

Seguindo os critérios deste, os aspectos culturais relacionados à Irmandade da Boa Morte vêm sendo investigados - linha de pesquisa de Cultura -, procurando estabelecer interface com o Turismo, neste caso, o turismo cultural. Neste sentido, este texto procura reproduzir, na íntegra, a estrutura reservada à versão final da pesquisa.

Para esta investigação o recorte temporal não se faz presente, e sim o temático. A natureza da pesquisa é qualitativa e quantitativa, pois descreve situações em que se possa compreender a relevância historiográfica da instituição investigada, suas teias de relações, os fatores étnicos e culturais, associados a dados estatísticos, etc.

Os procedimentos metodológicos adotados na investigação científica, aqui descrita em resumo, procuraram respeitar os objetivos acadêmicos para com este estudo acerca da confraria religiosa de Cachoeira. Da observação ao método utilizado, passando pela coleta de dados, a pesquisa esteve de inteiro acordo com as normas acadêmicas e éticas. Além destes, a utilização adequada dos métodos científicos permitiu uma ampla e real visão do fenômeno estudado. Daí resulta o conhecimento e compreensão do fato, suas imbricações sociais, culturais, diagnósticos, testes, resultados e soluções.

No primeiro, intitulado **A Cidade**, contém uma breve exposição de aspectos como a situação geográfica, passagens históricas e o quadro sócio-econômico do município de Cachoeira.

No segundo, **Memória, tradição e legado cultural**, desenvolve-se o estudo da Irmandade pelo viés da memória, demonstrando sua relevância histórica e aspectos de sua

² A orientação desta pesquisa é do Prof. Dr. Milton Moura (UFBA). Este texto contém fragmentos da Dissertação que está em fase de conclusão.



atuação sócio-cultural, suas teias de significações e referenciais simbólicos que, até os dias atuais, a situam como referência em se tratando do Recôncavo.

No terceiro, denominado de **Intervenção**, trata-se de estudar a atuação dos diversos agentes externos. A divisão deste capítulo respeitará as fases e a natureza dos agentes na intervenção: de um lado, a intervenção governamental, oficial e institucional, e de outro, o apoio e interação com os artistas e outras personalidades singulares. As duas vertentes foram fundamentais no soerguimento da instituição que, à época, não tinha alternativa e destino, a não ser o fechamento de suas portas e atividades.

No quarto momento, sob o título de **Turistização**, estudam-se os fatores turísticos relacionados à festa da Irmandade da Boa Morte; observam-se criticamente as conseqüências do turismo para a Irmandade e comunidade local; analisa-se a forma como está ocorrendo o desenvolvimento turístico e, sobretudo, como se relacionam o fator econômico e os aspectos historiográficos e memoriais. Neste sentido, é importante atentar para as motivações e nível de conhecimento dos turistas em relação à Irmandade, seu patrimônio e legado cultural. Apresenta-se uma tipologia do turista encontrado na festa a partir tanto do método de construção tipológica, de inspiração Weberiana, como da aplicação sistemática, minuciosa e criteriosa de questionários.

Finalizando, trata-se de tecer algumas considerações e sugestões no tocante à Irmandade da Boa Morte, uma vez que a utilização constante e discutível de sua festa como um dos principais produtos turísticos da região tem evidenciado aspectos preocupantes na postura dos órgãos públicos quanto à cultura de sua população.

A CIDADE

A Irmandade da Boa Morte está localizada no município baiano de Cachoeira. Situado em pleno Recôncavo – que significa *fundo de baía*, neste caso, a Baía de Todos os Santos -, a 110 Km de Salvador, Cachoeira possui uma área de 403 km² (urbana e rural),



população de pouco mais de 30 mil habitantes (IBGE, 2000), sendo um dos menores do Estado.

No passado, a proximidade com o sertão baiano, o porto atuante, a alta produtividade açucareira, sua localização estratégica ante outras regiões, logo transformaram a cidade de Cachoeira em relevante entreposto comercial. Destaque para o fumo, a mandioca, o algodão, o café, o gado e o principal produto do Brasil colonial produzido na região: o açúcar. Além deste, se tornou ponto de encontro e concentração de aventureiros que chegavam para formar expedições.

A riqueza e opulência dos senhores de engenho de outrora conferem a Cachoeira, até os dias atuais, o segundo maior acervo arquitetônico em estilo barroco do Estado. Igrejas, casarios, prédios seculares, e tantas outras construções que contribuem com a configuração de um Recôncavo histórico e não apenas fisiográfico.

A participação negra no desenvolvimento sócio-econômico-cultural de Cachoeira pode ser constatada em várias dinâmicas ainda desenvolvidas na cidade. Do candomblé, passando pela capoeira, pelo maculelê, até a aceitação do samba-de-roda e do *reggae* como gênero musical étnico e identitário, reforçam o *status* de Cachoeira como uma cidade de grande referencial da negritude – este fato ainda pode estimular e reforçar um tipo de turismo para o local: o turismo étnico.

A perseguição ao Candomblé na cidade de Salvador – fato esse ocorrido até a década de 70 do século anterior – e a alta concentração de negros escravos direcionados para os engenhos do Recôncavo, proporcionaram a cidades como Cachoeira um número respeitável de terreiros da religião afro-brasileira. A presença de turistas é comumente percebida nas festas realizadas por estas casas religiosas.

Como fatores responsáveis pelo declínio sócio-econômico de Cachoeira, o fim ciclo-do-açúcar e do fumo com o mercado competitivo e expansivo de seus concorrentes – dentre eles o das Antilhas -, a desativação da navegação fluvial, a construção das rodovias, a criação e desenvolvimento de cidades-entreposto como Feira de Santana – uma de suas freguesias -, a emancipação política de alguns de seus distritos, entre outros.



A considerável redução de suas freguesias fez Cachoeira, à época, perder parte de seu extenso território e poder econômico. Em 1833, através de Resolução Provincial nº 1320, Feira de Santana se desmembra de Cachoeira. Na seqüência, as freguesias de São Gonçalo dos Campos (1884), São Félix (1889), Muritiba (1919) e Conceição de Feira (1926). Cachoeira, atualmente, conta com apenas três distritos: Santiago do Iguape, Belém e a Sede.

Dispondo, atualmente, de apenas 403 Km², Cachoeira é um dos menores e mais pobres municípios do Estado da Bahia. Mitsuru Golias (2001, p. 74), em matéria publicada na revista *Terra* de novembro de 2001, após percorrer sua história e realidade, afirmou: “Duas vezes sede do governo estadual, hoje Cachoeira cochila à espera das verbas de Salvador”. Neste sentido, ocupa posição pouco privilegiada no ranking dos índices de desenvolvimento do Estado (ver tabela), sendo seu PIB *per capita* de R\$ 3.157,56 (SEI, 2002). A população é composta por 30.416 pessoas, sendo 15.831 pessoas na área urbana e 14.585 para o meio rural (IBGE, 2000).

MEMÓRIA

No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, as Irmandades, tanto negras quanto brancas, assumiram um relevante papel na construção da identidade nacional. Ícones da religiosidade católica, elas são junto às Ordens Terceiras, aliás, as grandes responsáveis pela expansão do catolicismo entre as camadas mais populares da sociedade.

A definição mais sintética a respeito das irmandades é a proposta pelo historiador João Reis (1991, p. 51) que as compreende como “... associações corporativas, no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sociais...”. Há ainda uma divisão clássica sobre tais instituições (Irmandades e Ordens Terceiras). Estas instituições já existiam na Europa desde o século XIII, aproximadamente, e foram introduzidas no Brasil pelos portugueses.

As irmandades brancas, no Brasil Colonial e no Império, estavam divididas entre as formadas por portugueses e as criadas por brasileiros. Dedicadas ao culto dos santos católicos e, conseqüentemente, ao fortalecimento da religiosidade judaico-cristã, estas



instituições religiosas tiveram significativa importância na construção da religiosidade nacional.

Uma ponderada explicação para o crescimento das irmandades brancas no Brasil Colonial está no fato de, à época, o ideal de homem bom perpassava pela trilogia “Rico, branco e católico”. Portanto, pertencer a uma instituição branco-religiosa era sinônimo de status, detentor de sucesso material, índole caridosa, além da cor da pele ser branca e aceitável, indicando, assim, que a primeira estratificação social ocorrida no Brasil foi a da cor da pele – de um lado o branco mandante, e do outro, o escravo servil, humilhado e desalmado.

O surgimento das irmandades negras no Brasil escravocrata setecentista aparece como um grande acontecimento que proporciona ao africano e seus descendentes um espaço de significativa autonomia. Além disso, em muitos casos, era possível conseguir produzir quantias financeiras que resultassem em alforrias. Nos séculos XVIII e XIX, muitos dos negros libertos chegaram a ser membros de mais de uma irmandade. A documentação e a historiografia indicam alguns casos de participação em até oito associações³.

Para os negros libertos, pertencer a uma ou mais instituições religiosas concedia-lhes prestígio, certa seguridade, algo de cidadania, além de uma eficaz estratégia de interação e resistência sócio-cultural. Poucos eram os espaços de autonomia dos negros nesta época. As irmandades negras, assim como as festas e a música, proporcionavam-lhes a possibilidade de organização e comando nestes “espaços autônomos” - terreno fértil para “conchavos” e insurreições.

Segundo o antropólogo Renato da Silveira, as irmandades negras eram plurifuncionais. Eis um trecho de entrevista concedida ao Jornal A TARDE:

Eram religiosas no sentido de enquadrar escravos e índios na religião dominante; tinham a função assistencial, no amparo a doentes, órfãos e viúvas; função política de representação das camadas populares, inclusive há muitos casos de

³ O trabalho de referência para esta afirmativa está nas obras das professoras Kátia Mattoso e Inês Oliveira.



senhores cruéis que foram advertidos por maltratar seus escravos, advertência vinda por meio da intervenção da irmandade, e também a função de lazer, pois promoviam festas e banquetes...⁴.

Há de se ressaltar que muitas instituições negras desta época, ainda assumiam o papel de “resgate” de escravos, com a compra da alforria junto a seus senhores. O dinheiro para tais negociações vinha basicamente das contribuições e taxas de seus associados e das heranças deixadas pelos irmãos.

Diferentemente das irmandades brancas que não aceitavam os negros em seus quadros, boa parte das instituições negra, com o passar do tempo, admitiu ‘associar’ brancos e negros de outras etnias, embora em muitos casos, negros de outras etnias jamais seriam permitidos ou eleitos, como membros da mesa diretora. A aceitação variava de acordo com cada irmandade que deveria seguir fielmente as regras de seu estatuto. Algumas delas formadas por escravos, como a dos Jejes da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, da cidade de Cachoeira, proibiam ou dificultavam a entrada de “homens pretos nacionais”, os conhecidos crioulos brasileiros, com a cobrança de altas taxas de associação, valores estes, que chegavam, em 1765, a quinze vezes o valor pago pela associação de um africano. Tudo isto se deve ao difícil relacionamento entre o africano e o crioulo nacional.

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte está entre as confrarias mais antigas do país. Surgida nas primeiras décadas do século XIX, possivelmente por volta de 1820, na Igreja da Barroquinha, em Salvador (TAVARES, 1964, p.235), de onde, anos mais tarde, migrou para Cachoeira, respondendo, atualmente, pelo endereço Rua 13 de maio.

Há muita especulação e divergência quanto à história da Irmandade da Boa Morte. O incêndio ocorrido em março de 1984 deixou a Igreja da Barroquinha em ruínas. Com este episódio, foi destruída considerável parte de seus arquivos que poderiam auxiliar na elaboração de uma investigação mais sistemática sobre a gênese desta confraria. Demais fatores colaboraram para a escassez de documentos da Irmandade, como a própria trajetória

⁴ Jornal A Tarde, 28/07/2002, Caderno local, p.18.



de perseguição, a carência de recursos de parte de suas irmãs, a ausência de uma sede até 1995 e pequenos furtos ocorridos em sua atual sede também foram contributivos.

Assim, a oralidade constitui-se, nesse caso, como uma fértil e rica fonte de informação, uma vez que as atuais irmãs são descendentes das primeiras negras da Irmandade, que passaram as histórias, preceitos e ensinamentos.

De variada procedência étnica, as exigências para a aceitação na Irmandade da Boa Morte era o sexo feminino e a ligação com as práticas religiosas africanas. Práticas estas aliadas à perseguição e repressão do poder público que possibilitaram a expansão e o surgimento de terreiros em outras partes da cidade de Salvador e Recôncavo. Entre os terreiros que possivelmente surgiram destas atividades praticadas pelo grupo de escravas da Barroquinha, estão os terreiros da Casa Branca (Vasco da Gama), o *Axé Opô Afonjá* (Retiro) e *Gantois* (Federação)⁵.

Ícone da força e prestígio do fenótipo negro na atualidade, a Irmandade da Boa Morte também se destaca pela organização social e hierárquica. Assim como no candomblé, a senhoridade é o grande princípio norteador de sua disposição interna. Somente as irmãs mais velhas dentro do grupo são as responsáveis pelos segredos da instituição, e sua transmissão só acontece mediante longa observação das demais componentes do grupo.

A história oral, resultante da ligação memória e identidade social, é relevante no que se remete a este pequeno estudo acerca da Irmandade da Boa Morte. Ao passo em que é escassa a documentação sobre a Confraria, as irmãs, principalmente as mais antigas, se constituem como fontes solícitas e generosas. Seus depoimentos, lembranças e esquecimentos, suas histórias de vida relacionadas à Boa Morte delinearão e se configuraram como documentação ímpar.

Individual ou coletiva, a memória é elemento inseparável do sentimento de pertença e identidade. Como fenômeno construído, é resultado de um processo de organização mental inclusivo e exclusivo. Neste sentido, a memória como agente documental, alinha-se em instâncias igualitárias às outras formas de registro. O que não seria construído, então? A

⁵ Ver NASCIMENTO, Luis Cláudio Dias do. *Presença do candomblé na Irmandade da Boa Morte – Interação, resistência e suicídio cultural*. Trabalho apresentado no seminário temático “Os afro-brasileiros”, VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.



restrição que se faz, neste estudo, é que a memória não é aspecto suficiente para criar essencialismos, falsas autenticidades e militâncias quase sempre limitantes.

No sentido de que a fonte oral pode ser comparada à fonte escrita, o sociólogo austríaco Michel Pollak (1992, p. 08) inscreve “Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é [...]. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária”. Sendo assim, as lembranças das negras senhoras da Boa Morte se apresentam como documento hábil na (re)construção e preenchimento de parte das lacunas historiográficas existentes.

A Irmandade da Boa Morte, como dinâmica que perpassou séculos e gerações - e ainda em atividade -, também pode ser compreendida como legado cultural, uma vez que transmite às novas gerações parte de seus conhecimentos, história, tradição e costumes. Sendo assim, é elemento identitário mantenedor da memória coletiva (BARRETO, 2000).

Para esta investigação, também serão considerados estudos sobre tradição (HOBSBAWN, 1997) segundo a qual, algumas tradições estão fincadas em critérios como repetição e invariabilidade. Considerando que a secular Irmandade da Boa Morte absorveu e adaptou-se ao fenômeno da massificação turística de sua festa sem que houvesse comprometimento de sua Devoção e ritualística, os aspectos tradicionais e tradicionários se mantiveram incólumes através dos tempos.

A INTERVENÇÃO

Neste capítulo da Dissertação, o estudo da atuação dos diversos agentes externos. A divisão deste respeitará as fases e a natureza dos agentes na intervenção: de um lado, a intervenção governamental, oficial e institucional, e de outro, o apoio e interação com os artistas e outras personalidades singulares. As duas vertentes foram fundamentais no soerguimento da instituição que, na década de 1970, parecia não ter alternativa e destino, a não ser o fechamento de suas portas.

A investigação vem apontando que a intervenção governamental, via Bahiatursa, no primeiro momento (décadas de 1970 e 1980), compreendeu basicamente aspectos midiáticos objetivando a publicização da festa nacional e internacionalmente. A forma de



divulgação variada encontrava suporte nos artigos em revistas especializadas - com temáticas sobre o Brasil, etnia, afrodescendência e religiosidade - jornais, propagandas, folders, vídeos e cartazes, entre outros. Não obstante, em muitos casos, funcionaram como geradores de mídia espontânea.

Num segundo momento, o atual, as atividades da Bahiatura abarcam não somente a divulgação da Irmandade e sua festa, mas, também, auxílio financeiro anual para a realização de seus festejos e manutenção de sua sede/memorial em Cachoeira.

A Secretaria de Cultura e Turismo – SCT-, atenta às segmentações de mercado que se criam e recriam no âmbito da indústria turística e imbuída da missão de alavancar fatores motivacionais de deslocamento para a Bahia, encontra na Irmandade da Boa Morte uma dinâmica eficiente de atratividade turística, via turismo cultural e étnico. Questionada sobre este apoio, a SCT respondeu, através de sua Secretária em exercício, a Dra. Sônia Bastos⁶:

A cultura forma, do ponto de vista simbólico e material, as características que diferenciam os povos, as gentes e as nações. Costuma-se dizer que a cultura é a mais coletiva propriedade de um povo, e essa razão pela qual fica reservada à Secretaria da Cultura e Turismo a atribuição apenas de estimular e apoiar entidades como a Boa Morte. Além do mais, a atividade cultural na Bahia é considerada um vetor estratégico de diferenciação junto aos mercados concorrentes. Por esses motivos, compete a SCT/BT (Bahiatura) promover o evento e, em situações especiais, apoiar financeiramente (2005, p. 1).

A liberação de recursos e a promoção da festa da Irmandade da Boa Morte se justificam pela fase atual do turismo baiano: o “*Cluster de Entretenimento*”. Sendo assim, o modelo de entretenimento a que o Estado está condicionado é o cultural, fato que congrega e estimula as mais variadas formas e vertentes artísticas locais como vetores dos mais relevantes em se tratando de atratividade turística. É neste sentido, que a (re)configuração do espaço e destino Bahia, através de uma série de parcerias entre os setores governamentais e privado, vem sendo articulado e amplamente divulgado.

⁶ Entrevista concedida no dia 28 de janeiro de 2005.



O *Cluster* de Entretenimento está apoiado em estratégias de marketing e planejamento turístico do Estado, onde são criados e reforçados estes e tantos outros ícones e símbolos já existentes no mito Bahia, através de campanhas publicitárias locais - estados brasileiros e países com potencial emissivo registrado.

A segunda fase da intervenção é a proporcionada pelos artistas, personalidades e comunidade a partir, da década de 1980. Dentre eles, destaque para Jorge Amado, Adenor Gondim, Carlinhos Brown, Emanuel Araújo, Bira Castro, entre outros. A partir desta e destes, a Irmandade passou a ter sede própria, ajuda financeira de entidades étnicas internacionais, auxílio de órgãos governamentais federais (MINC), participado de mostras fotográficas em relevantes museus nacionais.

O subsídio dos artistas, intelectuais, personalidades e comunidade se materializou de forma variada: shows (Brown), carta aberta em jornais solicitando a reforma da sede (Jorge Amado), exposições fotográficas (o curador Emanuel Araújo e o fotógrafo Adenor Gondim), artigos em jornais e revistas. No sub-item *comunidade*, destaque para o funcionário público Antônio Moraes – atual secretário municipal de cultura e turismo de Cachoeira - que publicou alguns artigos sobre a história da Boa Morte e sua festa; a advogada Celina Sala que assumiu a missão de “anjo-protetor” da confraria – inclusive através de contendas judiciais; e Valmir Pereira dos Santos, uma espécie de guardião e administrador da sede e memorial da Irmandade.

A TURISTIZAÇÃO

No amplo caleidoscópio sócio-cultural da Bahia, o fator étnico aparece como emblematização relevante. Um dos vetores mais expressivos da marca Bahia é a participação negra na constituição do *ethos* social, das culturas resultantes destes processos de encontros, diálogos, (co)existência e hibridização natural.

No dia 20 de novembro de 2004, em mais uma comemoração ao aniversário de Zumbi e dia nacional de conscientização negra, o Jornal A Tarde, de Salvador (Ba), publicou um caderno especial “África: Povo do Sol”, que apresenta Salvador como a “maior herdeira dos traços e tradições culturais africanas fora da África”



Chamada de Roma Negra, Salvador é festejada como a cidade com maior população de pele escura fora da África. E a capital baiana respira essa identificação nas artes, na música, na moda e na sustentação econômica. Afinal o turismo também se apóia nisso, bem como no discurso político, independentemente da cor partidária (RAMOS, 2004, p.03).

Sendo assim, falar atualmente em Bahia, remete-nos para ícones atuais desta baianidade negra/mestiça, como a música, o candomblé, a capoeira, o maculelê, o samba-de-roda, as chulas, as festas-de-largo onde (co)habitam o sagrado e profano, dos engenhos coloniais, de uma Bahia com resquícios de escravidão em seus graves – e ainda atuais - problemas sociais, etc.

Contudo, a constituição de uma Bahia e suas culturas negras híbridas (Canclini, 1989), vem apresentando dois momentos bastante didáticos para esta discussão: o primeiro está localizado na nos anos 1960-1970 - ainda anterior ao Plano de Turismo do Recôncavo (quadro I) -, quando as poucas comunidades negras organizadas, principalmente pelo aspecto religioso, souberam, como poucas, tecer sua sociabilidade com artistas e personalidades, visando a sua segurança, reconhecimento, publicização e prestígio. Destas, Mãe Menininha do Gantois e Mãe Senhora parecem ter sido das que mais lograram êxito na campanha de reconhecimento e respeito às culturas afrodescendentes no Estado. A sua aliança com o setor governamental e cultural foi estratégica. Logo, Mãe Menininha, o candomblé, a capoeira, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e sua festa, se constituíram como ícones da marca Bahia – tão necessária aos cofres públicos, pelo viés da indústria do turismo e as cadeias produtivas que este promove.

Na espacialidade Cachoeira, o extenso calendário de festas religiosas constitui-se como um respeitável motivo para a sua visitação e conhecimento de parte da história baiana e brasileira. Dentre as festividades cachoeiranas, as que mais se destacam são a Festa de Nossa Senhora do Rosário Excelsa Padroeira da Cachoeira Católica, realizada na primeira quinzena do mês de outubro; a Festa de Nossa Senhora da Ajuda, popularmente chamada



de Festa D’Ajuda, que se realiza no mês de novembro; além da Festa da Irmandade da Boa Morte.

A considerável - e ainda crescente - exposição e divulgação da Irmandade nos meios de comunicação do país - pelo viés da resistência, da memória, história, duplapertença e plasticidade -, tem proporcionado à Festa da Irmandade um caráter de evento grandioso, onde acontece o fenômeno da turistização. São turistas, fotógrafos, jornalistas, estudantes, pesquisadores, políticos, ativistas de movimentos negros, curiosos em geral, que se misturam à população local com o intuito de ver e participar do festejo carregado de simbolismo.

Como qualquer festa de largo tradicional, as ruas ficam abarrotadas de gente. O terceiro dia, que é o início da parte profana da festa, é o mais movimentado. As pousadas e hotéis de Cachoeira e cidades circunvizinhas, já estão completamente lotados. Casas são alugadas, quartos são disponibilizados, domicílios que viram pontos comerciais de alimentação, entre outros.

A exploração e aproveitamento da festa da Boa Morte por entidades e instituições sócio-culturais de Cachoeira e Recôncavo é uma constante. Tais instituições valem-se da grande quantidade de pessoas atraídas pela festa e disponibilizam apresentações culturais em suas portas, ou, até mesmo em seu interior, tendo como objetivo principal sociabilizar suas marcas e atividades.

A Festa da Irmandade da Boa Morte, embora composta em cinco dias, está alicerçada em três ritos assim distribuídos, conforme quadro 1:

Quadro 1. Cronograma e Ritos da Festa

Cronograma	Rito	Significado	Atividade(s)	Música	Ceia
Primeiro dia	Primeiro	Morte de Nsa. Sra.	Missa, Procissão e Ceia	Religiosa	Ceia branca
Segundo dia	Segundo	Enterro	Missa, Procissão e Ceia	Religiosa	Ceia de dendê
Terceiro dia	Terceiro	Assunção	Missa, procissão, ceia e samba	Religiosa, Valsa e Samba	Feijoada
Quarto dia	Não há	Festa	Samba-de-roda e Ceia	Samba-de-roda	Cozido
Quinto dia	Não há	Festa	Samba-de-roda e Ceia	Samba-de-roda	Caruru

Fonte: Irmandade da Boa Morte



Se, para grande parte dos ocidentais, os assuntos tanatológicos⁷ são temidos, na visão mitológica-yorubana - uma das mais presentes em terras nacionais e, quiçá, de maior contribuição à cosmologia das religiões afro-brasileiras -, a morte representa um episódio de re-ligação entre dois mundos: O Aiê e o Orum⁸. Na cosmologia yorubana, a existência pode ser compreendida através destes dois níveis de mundo, de universo. O Aiê é o mundo humano, materializado, sentido, concreto e tocável, onde a natureza, os seres são produzidos e fiscalizados. Já o Orum, está reservado para o intocável, ilimitado, transcendente, espaço dos Orixás e Eguns. Estes dois níveis se complementam, e juntos produzem a harmonia necessária ao ato de existir.

O caráter tradicional, a distinção enquanto patrimônio cultural imaterial, o legado cultural da Irmandade da Boa Morte estão intrinsecamente direcionados à questão étnica e histórica do escravismo em terras brasileiras. Neste sentido, vem se verificando nesta investigação, que dentre os turistas estrangeiros presentes na referida festa – 2002/2005 -, a maior parcela é a de afro-americanos. Seria um resultado das promoções publicitárias governamentais neste país ou é a sinalização de que há um determinismo atávico que impulsiona deslocamentos a fim de se produzir o pertencimento e a identidade?

Passando para o campo artístico-cultural, a festa da Irmandade da Boa Morte tem a música como um de seus grandes elementos. Presente em todo cronograma, através de melodias, harmonias e ritmos variados, a Música “emoldura” a festa que, antes de tudo, celebra a existência. Os corpos são levemente orientados pelo canto sereno de pouco mais de duas dezenas de senhoras, que, entre missas, cortejos, procissões, sentinelas e rodas, cumprem a maravilha do festejar. É a deusa música embalando a (re)ligação, ou religiosidade de um povo simples no material e ardorosamente milionário em crenças e compromissos com o (pleno) viver.

⁷ Estudos relacionados à morte.

⁸ Para entender mais acerca destes dois níveis de existência ver BERKENBROCK, Volney. *A Festa nas religiões Afro-brasileiras*. In: PASSOS, Mauro (org.). *A Festa na Vida – Significado e Imagens*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.



O canto litúrgico, a valsa e o samba-de-roda são os gêneros musicais encontrados dentro do cronograma da Festa. Estes gêneros encontram a sua espacialidade e temporalidade devidamente demarcada nesta dinâmica. Enquanto que nos dois primeiros dias da Festa não se ouve, nem se dança o samba-de-roda, nos últimos não há a presença dos cantos tradicionais da liturgia católica. Enquanto isto, nas ruas o que se vê é uma festa de largo, com os mais variados gêneros e sub-gêneros musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bahia é, atualmente, um Estado referência na atividade turística nacional, sendo, inclusive, citada e parabenizada publicamente pelo Presidente Lula, no *Fórum Mundial de Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável*, realizado em Salvador, no ano de 2004. Organizado pelo Ministério do Turismo, Organização Mundial do Turismo (OMT), UNESCO, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da Fundação Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável, Instituto de Hospitalidade, o Fórum contou, ainda, com a parceria dos Ministérios da Cultura, Meio Ambiente e Trabalho e Emprego, do Sebrae, além de uma série de organizações internacionais e nacionais.

Para estes organizadores, o turismo – com bases sustentáveis - vem se consolidando como uma das principais atividades econômicas do século 21, não somente por sua capacidade de geração de empregos, mas como agente capaz de intermediação entre os povos, indústria pacifista que propicia o respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente, ao homem como elemento integrante – e não desgarrado - da natureza.

A turistização da festa da Boa Morte ainda suscita outras questões. Se de um lado, é referencial para boa parte da comunidade na qual está inserida, de outro encontra resistência de outros segmentos da sociedade, por conta de sua ligação com o Candomblé. Suas negras senhoras têm demonstrado grande habilidade política quanto à situação; pode-se constatar, por outro lado, o desconhecimento da própria comunidade quanto à história da confraria.

O planejamento público quanto ao turismo cultural, utilizando não só a Irmandade da Boa Morte, mas todas as outras manifestações sócio-culturais do Recôncavo, não



alavancaram a economia da região de modo geral. Se lograram êxito por evitarem a extinção e fim de alguns grupos, não foram tão felizes quanto às variantes econômicas. Como diz Beni (1997), “[...] planejamento é raciocínio sobre os fundamentos do turismo[...] um processo contínuo, permanente e dinâmico.” Sua afirmação pode ser desdobrada como crítica à falta de planejamento para a atividade turística no Recôncavo, principalmente na cidade histórica de Cachoeira, sede da Irmandade. Evidencia-se, desta forma, que atos públicos sem sério planejamento e real integração com os outros segmentos sociais, de nada adianta.

O Planejamento deve ser estratégico e, como tal, deve promover e fomentar uma série de ações de forma integrada e responsável, sem, contudo, deixar de entender a cultura como agente simbólico que advém de uma zona abissal ainda pouco explorada: a alma humana.

REFERÊNCIAS

BENI, Mário Carlos. Política e estratégia de desenvolvimento regional – Planejamento integrado do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **O Patrimônio histórico-cultural e o turismo no município baiano de Cachoeira: Potencialidade x Realidade**. Artigo apresentado como forma de avaliação da disciplina Cultura, Meio Ambiente e Turismo do Mestrado em Cultura e Turismo UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.



_____. A festa e a música na Boa Morte (1990-2000). In: FERREIRA, Carlos Augusto, FERRAZ, Fernando (orgs.). **Coleção Textos de Graduação – História: experiências e imagens**. Salvador: Quarteto Editora/UCSAL, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LODY, Raul. **Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: pesquisa sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Altiva Gráfica e Editora Ltda, 1981.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **(Arte) & (Cultura): equívocos do elitismo**. São Paulo; Cortez, 1995.

SANTANA, Charles D’Almeida. **Dimensão histórico-cultural: Recôncavo Sul; Programa de Desenvolvimento Sustentável**. Salvador: Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR/SEPLANTEC, 1999.

